

O novo mundo de Bowman e o Conselho de Relações Exteriores***Bowman's New World and the Council on Foreign Relations**

Neil Smith

Departamento de Geografia, Rutgers University

Tradutor:

Prof. Dr. Carlos Francisco Gerencsez Geraldino

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

carlosgeraldino@gmail.com

Resumo

No início do século XX, as grandes potências perceberam que o crescimento econômico em grande escala não poderia mais ser realizado pela expansão do território. Após a conferência de paz de Paris em 1919, Bowman escreveu "*The New World*", um levantamento das condições que a expansão econômica americana enfrentaria nos anos do pós-guerra. Bowman acreditava que os Estados Unidos deveriam ter uma política externa ativista e ajudou a fundar o *Council On Foreign Relations* para alcançar essa meta. O conselho era um grupo elitista, influente na formação da política externa na II Guerra Mundial e dedicado a um ativismo gradualista.

A transformação da visão geográfica de Isaiah Bowman após seu envolvimento na conferência de paz em Paris foi um resultado direto de eventos identificáveis e um amplo produto da época. Antes de 1917, a principal preocupação de Bowman era a fisiografia, com a maior parte de suas pesquisas sobre a interface entre a geologia e a geografia física; depois de 1917, ele foi principalmente um geógrafo político. Mesmo antes de seu envolvimento direto no *Inquiry* e na conferência de paz do pós-guerra, Bowman abandonou algumas de suas tendências anteriores ao determinismo ambiental¹. O caldeirão político de Paris as corroeu ainda mais. Em uma carta a seu amigo, o historiador James Truslow Adams, Bowman afirmou com certa ênfase,

Quanto à questão do determinismo, os últimos resquícios dessa influência, se assim posso dizer, foram completamente removidos do tecido de minha própria vida pela experiência

* Publicado por *Taylor & Francis* em: SMITH, Neil. "Bowman's New World and the Council on Foreign Relations". *Geographical Review*, v. 76, n. 4 oct. 1986. pp. 438–460.

1 BOWMAN, Isaiah. *The Andes of Southern Peru*. New York: American Geographical Society, 1916.

com personalidades na Conferência de Paz e por observar os eventos internacionais desde então.²

A conferência de paz fez a carreira de muitos jovens geógrafos, Bowman entre eles. Como resultado dos contatos feitos com delegados americanos, bem como vários outros delegados e conselheiros em Paris e da ampla publicidade concedida aos procedimentos, Bowman em seu retorno à cidade de Nova York pôde participar de círculos públicos e privados que haviam sido fechados para ele dois anos antes. A mudança de foco intelectual do determinismo ambiental e sua adoção da geografia política foram, portanto, fortuitos.

Se no início do século XX ainda havia alguns postos avançados desolados a serem explorados e talvez colonizados, a expansão da fronteira na América do Norte e da colonização europeia em outros lugares havia ultrapassado seu zênite. A concepção de geografia apropriada para aquela expansão tinha sido altamente física e política, porque os ambientes físicos na fronteira e sua utilidade potencial para colonizar Estados-nação foram as pistas sobre as quais a geografia do século XIX definiu sua agenda. O fim da colonização marcou um profundo fechamento geográfico. Se as economias dos Estados individuais, bem como do mundo, continuassem a se expandir, o processo não poderia mais ser realizado pelo aumento geográfico. A expansão territorial não era mais um meio de crescimento econômico.

Bowman sentiu agudamente o “novo mundo” em que ele e o resto da humanidade haviam sido lançados. Escrevendo em 1921, ele observou que “o mundo agora foi dividido quase até o limite do ‘espaço político vago’”. A expansão econômica de Estados-nação individuais não poderia mais ser realizada por meio do controle do espaço político, para usar a terminologia de Bowman, mas através da extensão da influência direta sobre o espaço econômico. “A expansão territorial [é] sucedida pela expansão econômica.”³ Saindo da Primeira Guerra Mundial, a enorme economia industrial americana estava mais bem posicionada para expandir seu controle de espaços econômicos vagos e não tão vagos em todo o mundo. Na verdade, havia pouca escolha a não ser expandir para o mercado mundial, se o crescimento econômico americano fosse continuar. Essa mudança exigiu uma nova geografia,

2 “Isaiah Bowman to James Truslow Adams, 2 August 1924”. *Isaiah Bowman Collection*, Johns Hopkins University (JHU).

3 BOWMAN, Isaiah. *The New World*. Yonkers-on-Hudson: World Book Company, 1921. p. 91; BOWMAN, Isaiah. *The New World*. 4. ed. Yonkers-on-Hudson: World Book Company., 1928. p. 714.

de orientação menos física e focada nas relações entre os Estados-nação em uma arena econômica e política cada vez mais interdependente e competitiva.

A visão de um novo mundo não era uma trivialidade geográfica arcana ou acadêmica; foi objeto de intenso debate político e especulação. Cecil Rhodes, um imperialista britânico declarado, entendeu claramente as ramificações econômicas e especialmente políticas daquele fechamento geográfico. Depois de um dia no *East End* da classe trabalhadora de Londres, com sua alta taxa de desemprego e sentimentos políticos em ascensão, ele supostamente observou: “Se você quer evitar a guerra civil, deve se tornar imperialista”. Na outra ponta do espectro político, Rosa Luxemburgo esperava que o fechamento geográfico, resultante do fim efetivo da colonização, levasse inexoravelmente ao fechamento econômico; a morte do capitalismo estava próxima. Lenin argumentou que o fechamento geográfico forçaria as classes capitalistas a buscar a expansão econômica por meios alternativos, isto é, monopólio interno e diferenciação econômica, em vez de crescimento territorial externo.⁴

Bowman entendeu aquela conjuntura como simultaneamente política e geográfica, mas ele não era um revolucionário. Ele rejeitou com desprezo conservador o socialismo revolucionário de Lenin e Luxemburgo e com indignação liberal o arrogante imperialismo de Rodes e as potências europeias. Com Woodrow Wilson, ele acreditava que os Estados Unidos poderiam ser uma força moderadora e moral contra esses excessos nos assuntos mundiais. Os Estados Unidos já estavam totalmente envolvidos nos assuntos mundiais. Se foi ou não uma reviravolta feliz nos acontecimentos, não vinha ao caso: o envolvimento americano era uma realidade e trazia consigo certas responsabilidades. Depois da conferência de Paris, a tarefa, para Bowman, não era simplesmente analisar e interpretar o mundo como ele havia feito anteriormente, mas administrá-lo. “Quer queiramos ou não, somos obrigados a controlar a atual situação mundial de uma forma ou de outra.” Assim declarou Bowman na primeira frase da primeira edição de “*The New World*”⁵.

4 BEER, M. “Der Modernische Englische Imperialismus”. *Die Neue Zeit*, ano XVI, v. I, 1898, p. 304; LUXEMBURG, Rosa. *The Accumulation of Capital*. New York: Monthly Review, 1968 [em português: *A Acumulação do Capital: estudo sobre a interpretação econômica do imperialismo*. Tradução de Moniz Bandeira. Rio de Janeiro, Zahar Editores: 1970]; LENIN, V. I. *Imperialism, The Highest State of Capitalism*. Beijing: Foreign Language Press, 1975 [em português: “Imperialismo: fase superior do capitalismo”. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, Salvador, v. 4, n. 1, p. 144–224, mai. 2013]; SMITH, Neil. *Uneven Development*. New York: Basil Blackwell, 1984. pp. 97–154 [em português: *Desenvolvimento desigual: natureza, capital e a produção de espaço*. Tradução: Eduardo de Almeida Navarro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988].

5 BOWMAN, Isaiah. *The New World*, *ibid.*, p. v.

As palavras foram rapidamente seguidas por atos, quando Bowman ajudou a fundar o Conselho de Relações Exteriores. Por um quarto de século após sua fundação em 1921, Bowman foi um dos três ou quatro líderes mais influentes dessa conceituada instituição não governamental para a política externa americana. Por meio do conselho nas décadas de 1920 e 1930, a perspectiva político-geográfica de Bowman, inicialmente enunciada em “O Novo Mundo”, foi elevada a uma visão refinada do vindouro império americano e de como alcançá-lo. Levando-o ao ápice de sua influência política, essa visão trouxe Bowman ao Departamento de Estado durante a Segunda Guerra Mundial, onde se tornou uma figura central no planejamento de “arranjos” políticos e econômicos do pós-guerra, como eram chamados.

O Mundo Novo

Nas frases iniciais de “The New World”, Bowman expôs os pressupostos políticos liberais que orientaram todo o projeto. “Em uma democracia como a nossa”, os eleitores comprometeram o governo com certas políticas. O primeiro objetivo do livro era fornecer “consideração acadêmica” dos assuntos internacionais, as questões econômicas e políticas enfrentadas pelos países com os quais os Estados Unidos mantinham relações comerciais e diplomáticas. Assim esclarecido, o público votante poderia fazer escolhas informadas e a democracia americana seria fortalecida. Acima de tudo, o livro era uma pesquisa descritiva país a país, em que cada país recebia espaço e posição de acordo com seu status no mundo. Após uma breve introdução, Bowman ofereceu um longo capítulo sobre “Os Problemas da Grã-Bretanha Imperial”. Ele terminou o livro com um capítulo sobre toda a África e outro sobre o comércio latino-americano e as relações com os Estados Unidos.

O foco histórico estava na reorganização das pessoas e nas fronteiras nacionais após a Primeira Guerra Mundial e na identificação de forças políticas proeminentes responsáveis pela aparência dos elementos nacionais no novo mundo. O livro era tão bem ilustrado com mapas e fotografias (as últimas omitidas em edições posteriores) que Bowman certa vez o chamou de “novo atlas” no qual estavam “amarradas algumas observações históricas, econômicas e geográficas nos mapas”. Ele aspirava apresentar “os dois lados de uma determinada questão” e com poucas exceções destinava “deixar os fatos ... falarem por si ...

Há algumas questões que dificilmente podem ser ditas como tendo dois lados”. Sobre estas, acrescentou, era necessário abandonar a postura de equanimidade.⁶

Um segundo propósito prático guiou “The New World”. Depois de sua experiência na conferência de Paris, onde as delegações britânica e francesa estavam repletas de especialistas permanentes e administradores experientes, os membros da delegação americana lamentaram a falta de “uma equipe treinada e permanente do Ministério das Relações Exteriores”. Para preencher o vazio causado pela falta de conselheiros formais, Bowman destinou o livro aos formuladores da política externa americana. “O grande motivo”, revelou ele a James T. Shotwell, “era fornecer um meio para a educação das pessoas importantes neste país.” Pouco depois de sua publicação, Bowman tentou, sem sucesso, que o Instituto de Relações Internacionais distribuísse uma cópia para cada um dos quase 600 congressistas em Washington.⁷

A recepção do livro não poderia ter desapontado Bowman. O Departamento de Estado distribuiu 400 cópias aos escritórios consulares dos EUA em todo o mundo. No total, aproximadamente 18.000 cópias da edição em inglês foram vendidas. Foi revisado e expandido em 1923 e 1924, e a última e quarta edição apareceu em 1928. Ainda na Segunda Guerra Mundial, o Exército dos Estados Unidos distribuiu 2.000 cópias em suas bibliotecas de campo. Foi traduzido para o francês e para o chinês e disponibilizado em braille. As várias edições foram ampla e geralmente criticadas favoravelmente, não apenas em revistas acadêmicas, mas também em revistas e jornais populares. Publicado logo após a conferência de paz, o livro estabeleceu o Especialista Territorial Chefe de Woodrow Wilson, pelo menos na opinião pública, como um dos principais geógrafos políticos do país e uma autoridade aceita em assuntos internacionais.⁸

Bowman considerou o livro “livre de preconceito”, uma pesquisa neutra intercalada por apenas comentários ocasionais de natureza editorial ou política.⁹ Mas o sucesso do livro residia precisamente na visão subjacente do novo mundo que exibia preconceitos

6 BOWMAN, Isaiah. *The New World*. 4. ed. *ibid.* p. iii.

7 BOWMAN, Isaiah. *The New World*. *ibid.* p. V; “Bowman to James T. Shotwell, 28 January 1922”, *Isaiah Bowman Collection*. *ibid.* (JHU). “Bowman to Stephen P. Duggan, 5 November 1921”, *Bowman Papers*, American Geographical Society (AGS).

8 “Memorandum, 26 February 1944”. *Isaiah Bowman Collection*. *ibid.* (JHU); MARTIN, Geoffrey. *The Life and Thought of Isaiah Bowman*. Hamden, Conn: Shoe String Press, 1980, p. 105.

9 “Bowman to Nicholas Roosevelt, 2 February 1924”, *Bowman Papers*, *ibid.* (AGS).

essencialmente americanos sobre os assuntos internacionais. Sem esse foco político, o livro teria sido um recital mortalmente entediante, mal digno de atenção pública. O principal preconceito entrou não em editoriais deliberados, mas na concepção geral do projeto, e as autopromoções de neutralidade de Bowman eram parte desse preconceito. No entanto, não havia nada de simplista na visão de Bowman. Apesar de toda a sua coerência, o livro foi marcado por meandros e combinações de posições aparentemente divergentes que surpreendem o leitor que espera alguma forma de ortodoxia.

Ao contemplar o novo mundo, Bowman viu, acima de tudo, o declínio dos impérios europeus. Essa mudança contribuiu para um mundo instável, desorganizado e potencialmente perigoso. Os impérios alemão, austro-húngaro e russo desapareceram nessa guerra, e o Império Otomano foi reduzido a um núcleo na Anatólia. A Grã-Bretanha e a França estavam entre os vencedores, mas estavam suficientemente enfraquecidos para comprometer o controle dos impérios territoriais ampliados que agora presidiam. O imperialismo sobreviveu à guerra, ainda que muitos impérios não.

Para Bowman, o imperialismo era um sistema de coerção política forçada e controle sobre os povos ao qual ele se opunha unilateralmente. No entanto, por existir, ele preferiu o imperialismo civilizado e flexível da Grã-Bretanha, “marcado por altos ideais políticos”, em vez do “imperialismo nu” da Itália.¹⁰ Ele reconheceu a realidade do imperialismo, mas também estava preparado para especular sobre suas causas e alguns efeitos. Junto com o crescimento populacional, ele enfatizou o impulso para a expansão econômica de países fortes. No caso da Grã-Bretanha, “a administração política foi assumida apenas porque foi considerada necessária para o desenvolvimento do comércio, e a cada novo desenvolvimento surgia a necessidade de novas conquistas para proteger as fronteiras das regiões comerciais nas quais os mercadores britânicos haviam penetrado.” Em contraste, o imperialismo alemão foi principalmente uma missão de um governo militar autocrático, não de mercadores, empenhados em espalhar a cultura alemã. Quaisquer que sejam as causas, a empresa colonial levou a duas fontes fundamentais de instabilidade: a necessidade de coerção contra os povos nativos para manter o controle das colônias e o potencial para rivalidade interimperialista. Os países fortes se entregaram a uma “luta por privilégios comerciais, matérias-primas e zonas estratégicas, com

10 BOWMAN, Isaiah. *The New World*., *ibid*, pp. 28, 130.

a perspectiva de uma guerra entre eles se não pudessem realizar suas ambições comerciais e políticas de outra forma”.¹¹

A posição de Bowman representava uma contradição potencial. Por um lado, ele celebrou as virtudes da paz, ordem e estabilidade; por outro lado, ele reconheceu os aspectos de exploração do imperialismo sobre as minorias. Ele acreditava fortemente em seu direito de viver livre de coerção. Para Bowman, a solução não foi um compromisso, mas uma escolha de direitos contrastantes. No final, Bowman atribuiu o maior valor à estabilidade política, tanto que a estabilidade e a ordem deveriam ser mantidas por meios coercitivos, se necessário.¹² Ele via o poder coercitivo como um mal social, mas a revolta popular como um mal ainda maior. Como um realista liberal, ele não teve escrúpulos em escolher o menor dos dois males. Pode-se concluir que, para Bowman, a forma de democracia prevaleceu aqui sobre a substância: a paz a qualquer custo sobre a autodeterminação. Mas é igualmente provável que o idealismo continuasse a defender o pragmatismo, porque na década de 1920 Bowman acreditava seriamente que uma paz efetiva era possível e poderia ser conquistada por homens honestos comprometidos com uma nova ordem mundial. A paz era o único meio para a liberdade; a revolução não apenas descartou o passado pela violência, mas também instituiu inevitavelmente uma tirania alternativa e frequentemente mais brutal.

Alguns preconceitos comuns de sua época e lugar se intrometeram na visão de Bowman, o mundo como um quebra-cabeça de impérios em ascensão e queda. “The New World” contém nuances de darwinismo social, bem como um mínimo de preconceito racial e uma suposição mal disfarçada de que a “raça branca” era superior em muitos aspectos pela evidência de suas realizações demonstradas. Apesar dos protestos em contrário, fragmentos de determinismo ambiental permaneceram. Aqui estão dois trechos que destacam esses preconceitos.¹³

A luta evolutiva que marcou a ascensão da humanidade desde o seu estado primitivo até o estado atual continuará por muito tempo. Em termos gerais, este é um mundo *competitivo*,

11 BOWMAN, Isaiah. *The New World.*, *ibid*, pp. 28, 203, 2, 541.

12 BOWMAN, Isaiah. *The New World.*, *ibid*, p. 2.

13 BOWMAN, Isaiah. *The New World.* *ibid*. pp. 11, 525, 38; ARGENBRIGHT, Robert. *Bowman's New World: World Power and Political Geography*. Tese de Mestrado não-publicada. Department of Geography, University of California, Berkeley, 1985.

e aos custos da competição comum deve ser adicionado o custo da competição suprema da guerra...

Na África do Sul, o problema é manter os negros dentro dos limites da ampla zona costeira, onde as condições climáticas são mais favoráveis para eles do que para os brancos Os negros ... estão aclimatados a países baixos e quentes com um alto nível de produtividade e não precisam se sentir constrangidos se neles forem mantidos.

Bowman também foi um crítico totalmente feroz da revolução russa. Era uma questão que tinha apenas um lado, porque em 1921 ele não tinha nada além de acidez para com a “doença do bolchevismo” que “aterrorizava” a população. A revolução representou para ele um “retrocesso na barbárie de tempos atrás”. Ele estava particularmente indignado com o fato do governo soviético ter “enviado seus agentes ao exterior” para provocar uma revolução internacional da classe trabalhadora.¹⁴

A perspectiva de Bowman em “The New World” era pragmática e principalmente *ad hoc*. Ele tentou discutir cada país ou império “à luz de suas próprias necessidades e problemas” e aparentemente adotou posições aparentemente contraditórias em diferentes contextos. Ele reconheceu os males do imperialismo, mas elogiou o império britânico por seu idealismo; ele admitiu que a revolução russa talvez fosse justificável, mas condenou tudo o que aconteceu em seu rastro. A falta de um padrão conceitual para o livro foi proposital. Ele reclamou em particular com Jean Bruhnes, um geógrafo francês, que os geopolíticos alemães eram “todos iguais ao elevar um ‘sistema’ preconcebido de geografia política e fazer com que todos os fatos se ajustassem a ele”. Em contrapartida, foi meu esforço consciente ao escrever ‘The New World’ ser objetivo e não deixar que os sistemas perturbassem o leitor. O mundo não é feito de acordo com um sistema e suas formas políticas não são feitas de acordo com um sistema. Eles variam de região para região e não vejo como alguém pode ter uma visão geral do mundo e ter qualquer fé nos chamados sistemas de tipo de que os geógrafos políticos da Alemanha gostam tanto de falar.¹⁵

14 BOWMAN, Isaiah. *The New World. ibid.* pp. 387–389, 292, 7. Esses comentários foram omitidos na 4ª edição.

15 “Bowman to Jean Bruhnes, 21 September 1925”, *Bowman Papers, ibid.*(AGS).

Quase vinte anos depois, quando os Estados Unidos entraram na Segunda Guerra Mundial, Bowman repetiu esse tema e fez uma distinção defensiva, embora pouco sustentável, entre geopolítica como ideologia política e geografia política como ciência. Ele também deu uma justificativa mais racional para o livro “The New World” do que havia declarado anteriormente. Seu propósito era lidar de forma realista com os problemas políticos do mundo do pós-guerra. Sua filosofia era de mudança gradual por meios racionais. Não interpôs nenhum “sistema” ideológico preconcebido entre um problema e sua solução em um mundo prático no qual o acidente histórico havia desempenhado um papel tão importante. Procurou analisar situações reais em vez de justificar qualquer uma das várias políticas nacionalistas conflitantes. Sua moralidade era uma associação mundial ágil e responsável baseada na justiça, conforme apresentada de forma completa no primeiro capítulo da quarta edição (1928).¹⁶

“The New World” tem mais coerência do ponto de vista de Bowman do que ele gostaria que acreditássemos. Quer incomodasse ou não os leitores, seu sistema era evidente em todos os lugares. Sua questão essencial era quais eram as características, problemas, perigos e, acima de tudo, as oportunidades enfrentadas pelos Estados Unidos em um novo mundo herdado dos impérios pré-guerra. Essa perspectiva norteou sua detalhada descrição político-geográfica do mundo, um levantamento exaustivo exceto por uma omissão reveladora: na primeira edição não havia um capítulo dedicado apenas aos Estados Unidos. Em substância, bem como em intenção, o livro apresentou uma perspectiva americana sobre o resto do mundo. No entanto, a apresentação não foi um mero produto de um nacionalismo americano aleatório. “The New World” foi uma visão coerente das possibilidades americanas, com base em um conjunto preconcebido de suposições políticas. Bowman admitiu isso quando concordou com Bruhnes que o título original do livro deveria ser mantido para a edição francesa, mas que o subtítulo deveria “transmitir um sentido do ponto de vista americano que o livro representa”.¹⁷

A afirmação de Bowman de uma filosofia de gradualidade, seu compromisso com a racionalidade, sua abordagem caso a caso dos problemas político-geográficos e sua prescrição moral para uma associação mundial baseada na justiça são os rudimentos do que os historiadores geralmente identificam como idealismo democrático wilsoniano. Na verdade,

16 BOWMAN, Isaiah, “Geography versus Geopolitics”, *Geographical Review*, v. 32, 1942, pp. 646–658; “Memorandum”, *ibid.* (JHU); SMITH, Neil. “Political Geographers of the Past. Isaiah Bowman: Political Geography and Geopolitics”. *Political Geography Quarterly*, v. 3, 1984, pp. 69–76.

17 “Bowman to Bruhnes, 20 August 1926”, *Bowman Papers, ibid.* (AGS).

Bowman foi invariavelmente descrito por historiadores diplomáticos como um democrata wilsoniano. Segundo o historiador Arthur Link, co-editor do *Wilson Papers*, essa ideologia tentou expandir os princípios da Doutrina Monroe para o mundo inteiro. A Liga das Nações seria a associação mundial, baseada na justiça e na equidade, por meio da qual os objetivos seriam alcançados. A omissão inicial de Bowman de um capítulo sobre os Estados Unidos foi equivalente a declarar que eles eram o bastião da justiça e da imparcialidade e que as causas do conflito internacional estavam em outro lugar. Definindo-se como neutro, os Estados Unidos tomaram partido quando, na realidade, havia apenas um lado em uma questão; ser objetivo e apresentar o ponto de vista americano não eram posturas contraditórias. Se essa visão de mundo era racional e realista é discutível, mas foi a visão que norteou o livro “*The New World*”, projetado para facilitar a disseminação do idealismo (e comércio) americano liberal e justo, encapsulado na Doutrina Monroe.¹⁸

Os sul-americanos teriam pouca dificuldade em reconhecer a extensão da Doutrina Monroe ao mundo em geral como outra marca do imperialismo ianque. No entanto, a maior antipatia pelo livro veio da Europa, não do hemisfério ocidental, onde a população local estava acostumada às reivindicações geopolíticas invasivas americanas. Na Grã-Bretanha, o livro foi considerado “indevidamente pró-francês”, mas Bowman com estilo indomável respondeu que havia tentado “não ser ‘pró’ qualquer coisa”. Os geógrafos dos países vencidos responderam mais negativamente do que os britânicos. Geógrafos alemães e austríacos, intensamente desapontados com a participação de seus colegas americanos em uma conferência de paz, sentiram que isso extraiu uma vingança dolorosa e excluiu os perdedores de qualquer palavra sobre seu destino.

Bowman, como geógrafo sênior da delegação americana, era o que mais se identificava com a “paz injusta”. Quando se espalhou o boato de que sua saída da conferência foi um protesto contra a injustiça dos termos, os geógrafos alemães e austríacos ficaram exultantes.¹⁹ No entanto, Bowman se recusou a assumir uma posição pública sobre o tratado de Versalhes, e o sentimento de frustração entre os geógrafos alemães e austríacos transformou-se

18 LINK, Arthur. *Wilson the Diplomatist*. New York: Franklin Watts, 1974, p. 142; ROSENBERG, Emily S. *Spreading the American Dream: American Economic and Cultural Expansion, 1890–1945*. New York: Hill and Wang, 1982; DALLEK, Robert, *The American Style of Foreign Policy*. New York: New American Library, 1983.

19 “Bowman to Bruhnes, 4 May 1923”, *Bowman Papers. ibid.* (AGS); “Lawrence Martin to Bowman, 6 June 1919”. *Bowman Papers. ibid.* (AGS); KLUTE, Fritz. “The New World [review]”, *Weltwirtschaftliches Archiv*, vol. 22, 1925, p. 26.

em amargura quando o livro “The New World” apareceu em 1921. Os geógrafos alemães sentiram que, como um manifesto geográfico de e para os vencedores da Primeira Guerra Mundial, o livro de Bowman apresentava um ponto de vista claramente britânico-americano do mundo. Entre os projetos assumidos pelo grupo geopolítico nascente em torno de Karl Haushofer e seu *Zeitschrift für Geopolitik*, que apareceu em 1924, estava uma obra em três volumes, intitulada “Macht und Erde”. Essa obra pretendia ser a resposta alemã para o livro “The New World”.

Se Bowman ofereceu o ponto de vista de um democrata wilsoniano, ele não foi totalmente acrítico à política dos EUA. Suas atitudes em relação às relações internacionais e à política externa americana afrouxaram consideravelmente durante a década de 1920. A mudança foi especialmente notável no novo capítulo final da quarta edição de “O Novo Mundo”. Essa seção cobriu os Estados Unidos e foi publicada originalmente em 1923 como um suplemento à primeira edição. Embora Bowman tenha continuado a adotar um ponto de vista americano, ele saiu com sucesso dessa perspectiva ao oferecer uma ampla discussão crítica sobre o papel dos Estados Unidos nas relações internacionais. Mesmo na primeira edição, ele ocasionalmente era introspectivo e, então, era o mais perspicaz. Em uma passagem, ele antecipou o tipo de “desventura” que se abateria sobre os Estados Unidos quatro décadas depois e a convulsão interna que isso traria. Escrevendo na década de 1920, Bowman enfocou a América do Sul, não a Ásia.

A expansão [americana] nos últimos anos evocou uma certa hostilidade entre os Estados latino-americanos, uma hostilidade baseada no pressuposto de que suas liberdades econômicas e políticas estavam em jogo; e os Estados Unidos são, portanto, confrontados com uma oposição política direta e poderosa pela primeira vez desde que embarcou em sua política de expansão no exterior. Aqui temos um problema de primeira ordem. Pois o povo dos Estados Unidos é tão desconhecido para si mesmo quanto para o resto do mundo. Não sabem como vão interferir em sua política de expansão, pois nessa expansão não tiveram, até agora, um único infortúnio. Embora tal experiência os tenha deixado em uma atitude amável para com os outros e lhes tenha dado uma apreciação generosa do ponto de vista dos outros, há o perigo de eles não saberem que fogos de paixão podem ser acesos pela oposição ativa.²⁰

20 BOWMAN, Isaiah. *The New World*. *ibid*, p. 562.

É difícil ler essa passagem hoje, depois da “desventura” americana no Vietnã, sem reconhecer a precisão do *insight* de Bowman sobre a situação histórica dos Estados Unidos à medida que seu império econômico se expandia. Bowman tinha uma perspectiva política coerente sobre os eventos mundiais, e sua geografia em “The New World” estava totalmente impregnada e, na verdade, era um produto de sua política. Esse relacionamento foi a chave para seu sucesso.

Origens do Conselho de Relações Estrangeiras

Bowman encontrou uma saída prática e organizacional ideal para sua perspectiva sobre o novo mundo no Conselho de Relações Exteriores. Crescendo a partir da desilusão com os tratados de paz após a Primeira Guerra Mundial e da miopia americana em rejeitar essa paz, por mais limitada que fosse, o conselho foi fundado como um órgão de elite para influenciar a política externa americana. Seus membros eram restritos a “figuras influentes que compartilhavam uma perspectiva internacionalista”. Nas quase sete décadas desde sua fundação, o conselho passou por muitas transformações, mas sua perspectiva permanece amplamente semelhante às intenções dos fundadores: é elitista, restrita e internacionalista. Foi um campo de provas para toda uma geração de formuladores de política externa americanos, incluindo Henry Kissinger, Cyrus Vance, George Kennan, Zbigniew Brzezinski e Nelson e David Rockefeller. De acordo com Theodore White, “o Conselho conta entre seus membros nomes provavelmente mais importantes na vida americana do que qualquer outro grupo privado no país”.²¹ Bowman ajudou a formar o conselho em Paris após seu retorno à cidade de Nova York. Ele foi um membro fundador, mas, mais importante, foi uma voz orientadora no conselho por um quarto de século, um dos “maiores peixes do conselho”, como foi descrito em uma pesquisa do estabelecimento americano.²²

21 WHITE, Theodore. *The Making of the President*. New York: Atheneum, 1965, p. 85,

22 SILK, Leonard & SILK, Mark, *The American Establishment*. New York: Basic Books, 1980, p. 198,

A organização do conselho datava da conferência de Paris, onde os conselheiros de Wilson, influentes em algumas questões, muitas vezes ficavam frustrados por sua ocasional tomada de decisão unilateral. Sem consulta, ele faria mudanças repentinas nas deliberações que abandonariam os princípios e posições anteriores. De forma mais geral, os “especialistas” em várias delegações sentiram que seus conhecimentos dos assuntos mundiais estavam sendo ignorados, em parte porque os líderes estavam sendo limitados pela opinião pública interna. Dessa frustração emergiu uma série de reuniões informais entre conselheiros americanos e britânicos que geraram a ideia de uma organização anglo-americana para assuntos internacionais. Bowman estava apenas periféricamente envolvido nas discussões iniciais. Os diretores incluíram Whitney Shepardson, uma advogada; George Louis Beer, um historiador africanista; General Tasker Bliss, um dos cinco comissários americanos para a conferência; Archibald Coolidge, economista da Universidade de Harvard; James T. Shotwell, especialista em relações internacionais na Columbia University; e Thomas W. Lamont, sócio da empresa bancária Morgan. Esses homens, juntamente a um grupo de contrapartes britânicas, organizaram associações formais entre os membros de ambas as delegações. Em um jantar realizado em 30 de maio de 1919 no Hotel Majestic, onde a delegação britânica estava hospedada, cinquenta convidados ouviram Lord Robert Cecil resumir seu dilema. “Não há uma única pessoa nesta sala que não esteja decepcionada com os termos que redigimos. No entanto, a Inglaterra e os Estados Unidos têm tudo o que desejam e muito mais: muito mais”. De forma mais prática, Lionel Curtis, historiador da Universidade de Oxford, argumentou que o tratado refletia amplamente as restrições da opinião pública sobre as ações de seus líderes e, portanto, que a tarefa dos dissidentes era mudar essa opinião. “A opinião pública deve ser conduzida pelo caminho certo”, e era “tarefa de alguns homens em contato real com os fatos”. Para orquestrar essa operação, Curtis opinou que a criação de um organismo internacional de pesquisa “como a *Royal Geographical Society*” era necessária. De acordo com uma revista britânica, esse empreendimento representou “a revolta dos pacificadores contra a paz”.²³

Bowman viajou para a cidade de Nova York antes do jantar no Majestic Hotel, mas juntou-se aos esforços. O plano original não foi bem. A filial britânica do *Institute of*

23 SHEPARDSON, Whitney H. *Early History of the Council on Foreign Relations*. Stamford, Connecticut: Overbrook Press, 1960, p. 9; SCHULZINGER, Robert D. *The Wise Men of Foreign Affairs*. New York: Columbia University Press, 1984, pp. 3–4; COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS (ed.). *A Record of Twenty-Five Years, 1921–1946* (New York: Council on Foreign Relations, 1947, p. 6.

International Affairs foi lançada com muita pompa e considerável cerimônia, mas a americana definiu. Ninguém assumiu a responsabilidade pela organização incipiente do grupo, e as condições políticas o tornaram com ramos nacionais irrealistas. Nos Estados Unidos, o objetivo acalentado de Wilson de participação americana na Liga das Nações foi rejeitado. Um Bowman desanimado escreveu que era “uma luta perdida defender o tratado ou a administração de qualquer forma”. Um forte sentimento internacionalista persistia, mas a tarefa era encontrar um veículo apropriado com distância suficiente dos eventos em Paris, de Wilson e da associação exclusiva com o Partido Democrata para fazer avançar a causa da cooperação internacional.

As circunstâncias forçaram os fundadores do conselho a se contentar com o internacionalismo em substância, se não em forma. Um grupo de advogados e banqueiros ilustres, convenientemente liderado pelo republicano Elihu Root, que havia sido secretário de Estado de Theodore Roosevelt, se reunia em um clube de jantar desde 1918 para discutir assuntos internacionais. Bowman e Shepardson abordaram Root com a sugestão de uma fusão, que foi realizada em julho de 1921. O grupo se tornou uma combinação auspiciosa de acadêmicos, jornalistas, políticos, banqueiros e advogados, todos “homens de influência”. Eles mantiveram o nome do clube de jantar e se constituíram no Conselho de Relações Exteriores. Na opinião de Bowman, aproximadamente “metade dos diretores eram homens ricos e a outra metade um grupo de acadêmicos que só podiam contribuir com ideias. A associação dos dois grupos provou ser uma das mais frutíferas que já vi”. O conselho manteve ligações estreitas com o Royal Institute of International Affairs, mas era uma organização americana, não um ramo de um grupo internacional como inicialmente previsto.²⁴

O conselho unificado declarou seu propósito claramente em uma linguagem emprestada quase totalmente da declaração de Root de 1918 sobre o clube de jantar:

O Conselho de Relações Exteriores tem como objetivo fornecer uma conferência contínua sobre os aspectos internacionais dos problemas políticos, econômicos e financeiros americanos.... É simplesmente um grupo de homens interessados em divulgar um

24 “Bowman to R. H. Lord, 22 April 1920”, *Bowman Papers*. *ibid.* (AGS); SCHULZINGER. *ibid.*, pp. 5–6; SILK & SILK. *ibid.* p. 187; “Bowman to Ben Cherrington, 23 September 1939”, *ibid.* (JHU).

conhecimento das relações internacionais e, em particular, uma fundamentada política externa americana.²⁵

O conselho queria orientar a opinião americana de acordo com a sugestão de Curtis. Além de informar os líderes públicos sobre os resultados de suas reflexões, o conselho deveria fornecer um ambiente onde homens proeminentes em várias áreas da vida pudessem se encontrar com dignitários estrangeiros e especialistas em visitas à cidade de Nova York.

O conselho também procurou estabelecer parâmetros para uma opinião pública respeitável sobre relações exteriores e um núcleo moderado de normas em torno do qual essa opinião giraria. Embora houvesse diferenças de interpretação em questões específicas que eram genuinamente bem-vindas dentro dos limites da respeitabilidade, havia um consenso generalizado de que a paz e a estabilidade internacional eram bons objetivos a serem alcançados; eram axiomas de associação. O conselho não se opôs à mudança; na verdade, seus membros tendiam a ver a mudança como inevitável, muitas vezes desejável, mas eles, como Bowman, consideravam a mudança cataclísmica e não pacífica além dos limites da ação civilizada. Acima de tudo, eles eram internacionalistas que foram contra o clamor crescente do isolacionismo que não apenas derrotou Wilson, mas também conquistou o debate político sobre política externa nas duas décadas seguintes. Bowman protestou,

Temos que ter relações internacionais e toda essa conversa boba sobre ficarmos fora de ligas, alianças, etc., etc., com sua clara implicação de que vamos dizer ao resto do mundo para explodir sempre que quisermos, tem de ser verificada ou estaremos na mesma situação em que a Alemanha se encontrou no início da guerra.

Em um tom mais comedido, ele escreveu a Sir John Scott Keltie, um geógrafo britânico, que uma política de isolacionismo era irreal. “Quando éramos pequenos e subdesenvolvidos podíamos seguir uma política de isolamento, agora não podemos mais seguir tal política.” Além disso, ele afirmou que os Estados Unidos não sabiam como “estruturar um substituto adequado”. Definir tal política foi a tarefa que Bowman e outros fundadores do

25 “By-Laws with List of Officers and Members [Estatuto com Lista de Diretores e Membros]”, *Council on Foreign Relations*, New York, 1922 e 1924, p. 1; “Handbook [Guia] of the Council on Foreign Relations”, *Council on Foreign Relations*, New York, 1920, p. 4.

conselho estabeleceram para si próprios. Eles finalmente alcançaram seu objetivo mais fundamental: “mudar a opinião de nosso governo”.²⁶

O compromisso do conselho com o internacionalismo resultou de uma avaliação realista de que os Estados Unidos fizeram de parte do mundo do pós-guerra. Mas havia mais. A realidade do envolvimento internacional também ofereceu oportunidades. A expansão das economias nacionais era igualmente uma realidade, e os Estados Unidos não foram exceção. Como os países europeus, tinha suas próprias necessidades econômicas de comércio, trabalho e recursos, e era tão livre quanto qualquer outro país para atender a essas necessidades no mercado mundial. Bowman, o geógrafo do grupo, era o porta-voz mais destacado do conselho sobre as questões territoriais.

Bowman observou que entre 1898 e 1917 os Estados Unidos ampliaram sua influência e controle mais rapidamente e sobre uma área maior do que qualquer outra potência, incluindo a Rússia. Embora os Estados Unidos fossem classificados como uma democracia e rejeitassem os projetos imperialistas, “as necessidades da civilização moderna” impulsionaram a expansão comercial. Bowman não tinha uma explicação preponderante para essa tendência expansionista, mas citou a “fome universal de terra dos povos do mundo”, o “instinto pioneiro americano”, a “superioridade das instituições americanas” em comparação com “alguns países latino-americanos que são muito fracos e atrasados para se administrar” e, não menos importante, a “vantagem comercial”.

Se os Estados Unidos permitirem a realização de operações financeiras e de obrigações contraídas na América Latina por seus rivais comerciais, os protetorados e bases navais próprias serão o resultado natural; pois esses rivais esperam que os Estados Unidos garantam a integridade dos Estados latino-americanos incluídos sob a proteção geral da Doutrina Monroe.²⁷

Bowman acreditava que a expansão americana era realista e obrigatória, devido ao caráter retrógrado da população e do lugar. Houve um “declínio considerável na qualidade da população” em muitos países, resultado da “tendência de casamentos mistos com raças nativas”. O declínio dos princípios democráticos foi uma consequência.

26 “Bowman to Stephen P. Duggan, 5 November 1921”. *Bowman Papers. ibid.* (AGS); “Bowman to Sir John Scott Keltie, 14 December 1920”. *Bowman Papers. ibid.* (AGS); “Bowman to Emmanuel de Martonne, 27 January 1923”, *Bowman Papers. ibid.* (AGS).

27 BOWMAN, Isaiah. *The New World, ibid.*, pp. 561–564.

Se a América tropical fosse ocupada por pessoas mais progressistas do que aquelas cuja raça, história e clima conspiraram para se desenvolver ali, as relações econômicas poderiam ser construídas com base no intercâmbio comum, como entre a França e a América. Em vez disso, há uma população local incapaz de se proteger ou de administrar seus negócios ... Somente sob o estímulo da necessidade e pelo influxo de agentes e capitais de terras temperadas os produtos tropicais de países fracos são disponibilizados.

Com o fechamento da fronteira americana, Bowman percebeu que os problemas sociais e industriais no leste dos Estados Unidos não poderiam “ser resolvidos de maneira histórica por um fluxo de população para outra região”. Em vez disso, a expansão em escala internacional foi a solução necessária, daí a motivação para a guerra hispano-americana de 1898 e os consequentes ganhos territoriais. Nos anos que levaram ao colapso econômico em 1929, ficou ainda mais claro que “os fluxos de exportações e importações devem ser ininterruptos em seu fluxo se quisermos evitar crises em nossas indústrias em constante expansão”.²⁸

Em sua cruzada pelo internacionalismo, os padrões do conselho eram realismo, obrigação e necessidade, e Bowman era o principal porta-estandarte. Seu internacionalismo era distintamente americano e nacionalista, mas era algo mais. Uma história do conselho concluiu que sua política externa internacionalista enfatizava “os interesses especiais de um sistema econômico capitalista”, beneficiando particularmente a classe capitalista americana. A visão internacionalista emanou dos propósitos combinados de seus líderes e membros que pesaram fortemente o conselho em direção a um “clube de cavalheiros de Wall Street”. “A massa da humanidade [não era] bem-vinda nas reuniões do Conselho”, e o internacionalismo da perspectiva do conselho não foi projetado com os interesses das massas americanas diretamente em mente.²⁹

A principal questão após a formação do conselho era como transmitir seus pontos de vista a não membros influentes. No início de 1922, Bowman conversou com Edwin F. Gay, professor de economia da Universidade de Harvard e outro fundador do conselho, e eles decidiram que um jornal seria o veículo mais apropriado para esse objetivo. Desde o início, sua ambição era tornar a revista “a melhor do mundo”, uma pesquisa acadêmica, mas acessível, de

28 BOWMAN, Isaiah. *The New World*. 4. ed. *ibid*, pp. 690, 14.

29 SHOUP, Laurence H. & MINTER, William. *Imperial Brain Trust: The Council on Foreign Relations and United States Foreign Policy*. New York: Monthly Review, 1977, p. 176; SCHULZINGER, *ibid*, p. 7; SILK & SILK, *ibid*, p. 187.

eventos mundiais. Os autores incluíam acadêmicos, bem como profissionais e estadistas que apresentariam seus assuntos em um estilo legível e direto que permitiria um público potencialmente amplo entre os “homens de negócios”. Gay e Bowman convidaram Coolidge para ser o editor do jornal proposto. Relutante no início, Coolidge acabou sendo persuadido a aceitar o cargo com a condição de que um homem mais jovem, residente na cidade de Nova York, fosse contratado em tempo integral para fazer a maior parte do trabalho. Essa pessoa seria preparada para a editoria nos próximos anos.

Tudo foi acordado no verão de 1922. Hamilton Fish Armstrong, que também estivera em Paris em 1919 como jornalista, foi contratado como secretário executivo e rapidamente se tornou um dos membros mais proeminentes do conselho. Bowman e Gay apresentaram sua proposta ao conselho e garantiram sua aceitação, bem como o financiamento da revista por cinco anos. O *Foreign Affairs* com Bowman no conselho consultivo editorial estava programado para aparecer em setembro de 1922. O objetivo era que o *Foreign Affairs* fosse um “jornal mundial, não americano”. Apesar das afirmações dos fundadores sobre a imparcialidade, era um “apelo por uma política externa dos Estados Unidos avançada, interessada em explorar os recursos naturais do mundo e colocar os assuntos de Washington nas mãos de especialistas desapaixonados que, ao contrário do público em geral, sabiam o que eles estavam fazendo”.³⁰

Os isolacionistas, com suas crescentes demandas por contenção internacional, dominaram o debate doméstico sobre política externa nas décadas de 1920 e 1930, mesmo após a eleição de Franklin D. Roosevelt à presidência. Na realidade, os militares dos EUA permaneceram fortemente envolvidos no exterior após a Primeira Guerra Mundial, especialmente na América Latina. Apenas no que diz respeito à Europa a ideologia do isolacionismo foi parcialmente correspondida pela realidade. No entanto, o envolvimento militar não era o tipo de intervenção internacional que o conselho preferia promover, embora Root, como secretário de Estado, tivesse administrado ativamente a presença dos EUA no Caribe. Para a maioria dos membros do conselho, a intervenção militar era o último recurso, e o *Foreign Affairs* em grande parte contornou o assunto. Bowman afirmou que as intervenções da América Central eram justificadas “para manter a ordem” e que vários governos europeus

30 “Bowman to Shotwell, 16 May 1933”. *ibid.* (JHU); “Archibald Coolidge to Edwin Gay, 17 March 1922”. *Bowman Papers. ibid.* (AGS); “Bowman to John H. Finley, 26 June 1922”, *Bowman Papers. ibid.* (AGS); SCHULZINGER, *ibid.*, p. 11.

as haviam solicitado “para garantir a segurança de seus empréstimos”³¹. Com tais argumentos, ele preservou a ficção de que a expansão europeia era imperialista, enquanto a variedade americana resultava de necessidade econômica, não militar, e era justo por causa de sua adesão às leis econômicas.

A segunda característica do esquema original era promover a educação de longo prazo e discussões sobre políticas para os membros. Suas deliberações, relatórios e outros documentos eram confidenciais. A intenção por trás desses procedimentos refletiu as origens do conselho na conferência de Paris. O objetivo era garantir que os Estados Unidos nunca mais ficassem despreparados como em Paris. Bowman transmitiu esse sentimento diretamente ao secretário de Estado Charles Evans Hughes, em 1921, com o argumento de que o departamento deveria estabelecer uma divisão de inteligência para realizar o tipo de trabalho que o Inquérito havia feito em condições de emergência.³² O apelo não foi atendido pelo governo Harding, então Bowman e outros ofereceram um substituto particular, uma “conferência contínua”, como gostavam de descrever, por meio dos grupos de estudo do conselho.

Os grupos de estudo começaram em janeiro de 1923 com dez a vinte participantes, embora os números tenham aumentado logo. Como muitos desses cavalheiros de Nova York se retiraram para as residências de verão na Nova Inglaterra, uma programação acadêmica de três a cinco reuniões entre setembro e maio tornou-se a norma. Antes que o conselho tivesse seus próprios aposentos, as sessões eram realizadas no Harvard Club, no centro de Manhattan. Os membros discutiram questões temáticas ou regionais específicas de relevância para a política externa americana, distribuíram transcrições das discussões e, em seguida, prepararam um relatório para todos os membros.

Durante a primeira década do conselho, Bowman foi um dos participantes mais ativos nessas sessões. Os três primeiros, reunidos em janeiro de 1923, foram identificados por letras. O grupo A considerou os problemas financeiros do pós-guerra, como dívidas e reparações; o grupo B considerou a situação na Rússia e avaliou os perigos do bolchevismo para os Estados Unidos; o grupo C pesquisou questões gerais do Estado e da diplomacia americana recente. Bowman presidiu o grupo B com Coolidge. O primeiro convidado foi o General Bliss, que havia sido o representante dos EUA no Conselho Supremo de Guerra durante

31 BOWMAN, Isaiah. *The New World*. 4. ed. *ibid.* p. 13.

32 “Bowman to Charles Evans Hughes, 6 May 1921”. *Bowman Papers. ibid.* (AGS).

a guerra e um dos cinco comissários americanos na conferência de paz. Ele descreveu a Rússia como “incivilizada”, lamentou a destruição dos “tipos superiores” na revolução e afirmou que os objetivos apropriados da política americana em relação ao país deveriam ser a “reconstrução da vida econômica” e a “restauração do intercâmbio”. Ele havia declarado sem rodeios uma preocupação recorrente do conselho: o globo inteiro deveria ser acessível às relações econômicas e à penetração americana. Seus comentários foram fielmente reiterados no relatório do grupo ao conselho. Esse relatório também resumia as ideias tangenciais de Bowman sobre o mundo islâmico e sua relação com os eventos na União Soviética e na Europa Central, que haviam sido o tema da terceira reunião do grupo.

Bowman ajudou a preparar o relatório final. Ele reconheceu as causas da revolução, argumentou que os bolcheviques estavam no controle firme e endossou a atual política americana baseada “na fórmula da tutela moral para garantir que o patrimônio do povo russo seja preservado”. Nem todos os membros do conselho estavam tão resignados ao controle bolchevique ou tão pessimistas que a Rússia se perdeu na penetração capitalista. Um executivo da *International General Electric* preparou uma lista de empresas europeias e americanas que buscavam ou haviam concluído acordos com o governo bolchevique para operar ou negociar com a União Soviética e estava mais otimista sobre o futuro do investimento de capital estrangeiro na Rússia.

O conselho ofereceu uma lista nova e ampliada de grupos de estudo para a próxima temporada. Por causa da especialização de Bowman na América Latina e sua experiência de campo na América do Sul, ele foi convidado a presidir um grupo de investigação das relações entre os Estados Unidos e os países do Caribe. Suas conclusões foram triviais e, por sugestão de Bowman, o campo de ação do grupo foi ampliado em 1926–27 para toda a América Latina. Esse novo enfoque foi semelhante em ênfase ao capítulo final da primeira edição de “The New World”. Buscava uma “consideração ampla e não estreita da política de investimento na América Central e sua influência em nossas relações” com esses países.³³

33 “Memo to Members, 21 December 1922”, *Council on Foreign Relations, Record of Groups* [Registro de Grupos], Vol. I [doravante, CFR-RG]; “Soviet Russia. Government, Economic Conditions and International Relations, Report to the Council on Foreign Relations on the Meetings of Study Group B, 23 March 1923”. *CFR-RG*, Vol. I; “Memo by I. Trone on Report of Study Group B”. *CFR-RG*, Vol. I; “Malcolm Davis to Fred Fairchild, 17 March 1933”, *CFR-RG*, Vol. II.

Outros grupos em que Bowman participou foram o Oriente Próximo, que incluía Armstrong e Allen Dulles, com quem Bowman elaborou o programa do grupo, relações canadense-americanas, independência filipina, prós e contras da autossuficiência nacional e minerais, que, por insistência de Bowman, examinou os interesses americanos na América Latina. Todos os anos, até 1935, ele era membro de, pelo menos, um grupo e às vezes até três. Poucos outros membros tiveram uma presença tão difundida naqueles primeiros anos do conselho.

Outro grupo de estudos merece destaque especial. Formado em 1928, um grupo que estudava as relações anglo-americanas exemplificou claramente a tendência pró-britânica na visão de mundo do conselho. Mesmo durante o estágio formativo da conferência de Paris, os participantes se mantiveram na defensiva quanto à filiação exclusivamente anglo-americana. Com linguagem e tradições políticas comuns, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha foram considerados aliados “espontâneos”. Os participantes do jantar do Majestic lamentaram a omissão dos franceses, mas a ligação anglo-americana era forte demais para ser diluída por outras nacionalidades. No conselho, o objetivo do grupo de estudo anglo-americano era harmonizar as atitudes dos dois países em assuntos militares, econômicos e políticos. Esse grupo atraiu uma parcela desproporcional de membros importantes do conselho: Armstrong, Allen Dulles, Coronel House, Shepardson, Walter Lippmann, Shotwell e Philip Jessup. “Gay, Bowman e Shepardson perseguiram uma meta que havia entusiasmado os anglófilos da classe alta nos Estados Unidos desde antes da guerra — uma entente informal com a Grã-Bretanha.” Bowman era o anglófilo contumaz. Nascido na Inglaterra em Ontário, ele se naturalizou cidadão americano em 1900 e manteve o orgulho da herança do país natal. Mais do que em “The New World”, Bowman expressou suas perspectivas anglo-americanas por trás das portas fechadas do conselho. O grupo de estudo anglo-americano continuou por várias temporadas e seu relatório de 1929 propôs formas de cooperação entre as marinhas britânica e americana que foram fundamentais nas negociações navais de 1930 entre os Estados Unidos e a Grã-Bretanha.³⁴

34 “Report on the Provincial Committee appointed to prepare a Constitution, and select the original members of the British Branch of the Institute of International Affairs, 17 June 1919”, Paris, p. 11 (CFR). SCHULZINGER, *ibid*, p. 14; COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. *Record of Fifteen Years, 1921–1936*. New York: Council on Foreign Relations, 1937, p. 14.

Com o *Foreign Affairs* firmemente estabelecido e os grupos de estudo promovendo entusiasticamente a inteligência americana, o conselho em 1927 estava pronto para expandir suas atividades. Começou a patrocinar estudos de pesquisa maiores, muitos dos quais emanados de grupos de discussão. Entre os itens publicados estava “Limits of Land Settlement” de Bowman, mas os mais representativos do gênero foram “Can We Be Neutral?” por Dulles e Armstrong e “International Security” por Jessup. Em 1933, Bowman assumiu a presidência do Comitê de Pesquisa que organizou o trabalho geral e a direção do programa de pesquisa do conselho.³⁵

Idealismo e Realismo

O conselho não entrou imediatamente nos círculos favoritos dos árbitros de política externa. No entanto, podia se gabar de que todos os secretários de Estado, entre 1921 e 1944, fizeram um discurso “de significado histórico” perante o conselho. A promessa de sucesso era real e, após a primeira década de atividades do conselho, Bowman estava mais otimista quanto às possibilidades de relações internacionais frutíferas e pacíficas. O realismo que adquiriu em Paris havia sido moderado e, em 1930, seu idealismo estava em plena floração.

Ele nunca foi um homem que pudesse ser descrito apenas como um idealista ou um realista: ele lutou perpetuamente com essas tentações opostas, nunca às resolvendo com qualquer finalidade. Um realismo pragmático geralmente venceu, mas por um breve período no final dos anos 1920 e no início dos anos 1930 seu idealismo prevaleceu. O sinal mais óbvio de seu idealismo crescente durante a década de 1920 foi a diferença entre a primeira (1921) e a quarta (1928) edições de “The New World”. Por exemplo, seu tratamento da União Soviética mudou dramaticamente. A década de 1920 testemunhou um claro endurecimento político dentro da Rússia com a regressão, talvez já o fracasso do impulso revolucionário inicial. O breve florescimento de instituições e métodos extravagantemente democráticos terminou, e Stalin consolidou seu controle. No entanto, Bowman, que anteriormente havia expressado sua acidez ao bolchevismo, parecia quase magnânimo em 1928. O povo russo ainda estava aterrorizado, mas em 1928 ele enfatizou a opressão do regime czarista para explicar a revolução.

35 “Bowman to Shotwell, 16 May 1933”, *ibid.* (JHU); “Bowman to Gay, 5 October 1932”. *Bowman Papers*. *ibid.* (AGS).

Quando escreveu sobre o terror vermelho, ele rapidamente o comparou ao terror da Revolução Francesa, um evento que ele apoiou apesar de sua preferência pelo gradualismo. Ele elogiou os líderes soviéticos que “aprenderam a fazer concessões”, especialmente a mando do campesinato, e enfatizou que, apesar da retórica do governo soviético sobre a internacionalização da revolução, a União Soviética não era uma ameaça séria à ordem mundial. Stalin era um “realista” e a propaganda da revolução mundial não era realista.

O tratamento dado por Bowman ao mundo subdesenvolvido foi muito mais simpático em 1928 do que em 1921. Muito antes da maioria dos analistas, ele observou que as colônias eram “não apenas um mercado, mas também um campo de exploração do trabalho”. Enquanto um trabalhador não compreendesse que estava sendo usado como “uma boa propriedade”, ele não reclamaria. “Mas quando chega o momento em que ele vê sua verdadeira posição econômica, ele deseja aliviar o controle político a fim de assegurar uma parcela ainda maior dos benefícios econômicos que seu trabalho ajuda a criar”. Bowman preocupou-se especificamente com os efeitos do aumento da penetração do capital americano. Ele advertiu que a expansão do capital americano para o México teve consequências tristes para o povo mexicano, e uma expansão semelhante não deve ocorrer em outros países. A competição internacional deve levar à “guerra ou a um sistema de agrupamento e racionamento” de recursos vitais e, portanto, a cooperação internacional é cada vez mais vital.³⁶

O idealismo de Bowman ocasionalmente se tornava o catalisador para confissões francas sobre a maneira como o mundo funcionava. Seu idealismo deu início a um realismo surpreendente, como foi ilustrado em um discurso notável para o grupo do conselho de minérios sobre os efeitos sociais da exploração americana de minerais sul-americanos.

O desenvolvimento mineral no Chile significa uma divisão de benefícios entre os chilenos e o capitalista investidor. Pode ser uma divisão meio a meio, mas será uma divisão; e a divisão não será entre as classes sociais mais baixas e o estrangeiro, mas entre a pequena classe controladora no topo e o estrangeiro. Eu colocaria isso como uma proposição geral que é essencialmente sólida, apesar do fato de que a divisão meio a meio mencionada acima é medida em parte em termos de salários pagos aos trabalhadores. Não é o salário pago a ele, mas quem recebe o salário no final e o que o salário vai comprar. Não consigo ver no Chile nenhuma

36 BOWMAN, Isaiah. *The New World*. 4. ed. *ibid*, pp. 454–460, 18–19, 713–716, 738.

mudança econômica relativa entre as classes como resultado do desenvolvimento da mineração.³⁷

Comprometido com uma análise *ad hoc* de diferentes situações mundiais, cada uma por seus próprios méritos, Bowman não generalizou a partir dessas conclusões sobre a mineração chilena. Além disso, as observações eram do tipo que poderiam ser feitas, de fato deveriam ser feitas, na privacidade das sessões do conselho, se os membros quisessem compreender o mundo que desejavam guiar. Tirar lições gerais da realidade, levando-a a sério o suficiente para exigir mudanças a qualquer custo e alardeando para o resto do mundo os males do imperialismo americano eram uma questão diferente, mesmo que os fatos fossem inatacáveis. Aqui e em outras ocasiões, Bowman demonstrou uma consciência de classe aguçada, mas o local e o propósito de sua apresentação revelaram uma escolha igualmente acertada sobre suas simpatias de classe.

Bowman expressou melhor seu idealismo do período entre guerras em uma curta monografia, “International Relations”, publicada em 1930. Ele aplaudiu o aparente sucesso do Tratado das Quatro Potências no Pacífico (1922) e do Pacto Kellogg-Briand (1928) como também quase uma década de progresso medido através da Liga das Nações. Ele estava cheio de esperança e expectativa sobre o potencial para futuras relações internacionais pacíficas. Na Primeira Guerra Mundial, “milhões de homens viram como a guerra realmente é estúpida como meio de intercâmbio internacional” e, como resultado, se comprometeram com uma “nova diplomacia”.

Poucas são as dificuldades que não podem ser resolvidas por homens que se comprometeram de antemão a abordar a consulta com um espírito de boa vontade ... agora é política geral estar à procura de pontos de perigo e os diplomatas são solicitados a informar seus governos, não para o para fins de vantagem secreta, mas para fins de consulta amigável. Homens de fé verão que essa consulta leva a um estado de coisas melhor, não importa o que os cínicos possam dizer e não importa quantas vezes os homens se desviem do caminho do idealismo.³⁸

Mesmo em seus voos mais distantes, Bowman não negligenciou as realidades da competição internacional e da luta que levaram à guerra. No final da década de 1920 e início

37 “Fourth Meeting of Mineral Group, 12 May 1932”, *CFR-RG*, Vol. IV.

38 BOWMAN, Isaiah, *International Relations*. Chicago: American Library Association, 1930.

da de 1930, ele parecia sentir fortemente que uma alternativa era possível. No entanto, as realidades e ideais que Bowman tentou equilibrar eram pólos opostos: a realidade do imperialismo e o ideal de um mundo sem guerra. Ironicamente, o teor isolacionista do debate nos Estados Unidos permitiu que Bowman fizesse malabarismos com seu idealismo e realismo sem expô-los ao ridículo.

Retrospectivamente, seu idealismo parece um tanto vazio. Acima de tudo, Bowman se considerava um realista, orgulhando-se de conhecer o pior do mundo. Nada em sua análise obstinada dos eventos mundiais poderia justificar o idealismo, mas ele o manteve. A ingênua exuberância espiritual de seu idealismo era um claro contraponto à sobriedade de seu realismo intelectual e político e não deveria ser julgado pelos mesmos padrões científicos. Idealismo para Bowman era uma atitude necessária que pode ou não ser justificada em um contexto específico. O realismo era uma perspectiva analítica a ser aplicada infalivelmente e rigorosamente aos problemas do mundo, ou as consequências poderiam ser perigosas. Seu idealismo era negativo no sentido de que não apenas se opunha à realidade, mas também, no final, a negava.

À medida que os eventos mundiais se desenrolavam na década de 1930, Bowman começou a compreender o negativismo das “soluções simples e idealistas”.³⁹ A eleição de Herbert Hoover para a presidência em 1928 deveria ter ocasionado mais otimismo no conselho e dado uma saída para seu internacionalismo. Hoover estivera envolvido nas discussões formativas em Paris, e o novo secretário de Estado, Henry L. Stimson, era um membro do conselho. No entanto, o advento da grande depressão impediu qualquer progresso em direção a uma política externa cada vez mais ativista, visto que aumentou o clamor pelo protecionismo. O conselho teve maiores motivos para otimismo com a eleição de Franklin D. Roosevelt à presidência. Afinal, ele era “um deles”. Ele era conhecido de muitos dos membros mais proeminentes do conselho. Bowman o conhecia da conferência de Paris, bem como da *American Geographical Society*, onde Roosevelt foi conselheiro de 1921 a 1928. No entanto, a nova administração foi extremamente cautelosa na política externa. Roosevelt colocou muitos

39 BOWMAN, Isaiah. “Social Composition of Scientific Power”. In: _____. *Science and Civilization: The Future of Atomic Energy*. New York: McGraw-Hill, 1946, pp. 37, 41.

membros do conselho, incluindo Bowman, em posições governamentais proeminentes, mas foi só depois de Pearl Harbor que a política externa se tornou abertamente internacionalista.⁴⁰

Enquanto isso, Bowman havia atingido o auge de sua curta onda de idealismo quase desenfreado e começou uma contenção pessoal no início dos anos 1930. Roosevelt o nomeou diretor do Conselho Consultivo de Ciência em 1933, e muito de seu empreendedorismo político foi redirecionado para questões domésticas. A ascensão de Hitler e a crescente ameaça de guerra na Europa dissiparam as premissas de seu idealismo. Ele observou os oponentes alemães do livro “The New World” contribuírem geopoliticamente para a causa de Hitler, cujo objetivo final, de acordo com Bowman, era um “golpe final na Inglaterra”. Indignado com o desrespeito de Hitler pelas fronteiras nacionais, Bowman respondeu em uma reunião do conselho com sua resposta à geopolítica alemã: “*Lebensraum* para todos é a resposta ao *lebensraum* para um ... é uma questão econômica”.⁴¹ Um *lebensraum* americano era legítimo em sua opinião, porque resultou das leis justas do mercado, não de conquistas políticas e militares, e foi supostamente alcançado de maneira pacífica. Se em exploração resultasse, seria um efeito colateral infeliz que poderia ser remediado, mas não era razão suficiente para deter a ambição americana em direção a um império econômico global.

Com o novo início da guerra na Europa, a visão de mundo de Bowman foi esvaziada de qualquer reserva idealista. Ele foi novamente o realista obstinado e pragmático na busca por uma guerra e uma paz favorável aos Estados Unidos. Tanto para Bowman quanto para o conselho, duas décadas de preparação e previsão finalmente trouxeram recompensas, à medida que seu programa de “estudos de guerra e paz” se tornou um adjunto do Departamento de Estado e depois que Pearl Harbor foi colocado no centro da tomada de decisões sobre política externa em Washington.

Considerações Finais

O *Council on Foreign Relations* foi a principal organização por meio da qual Bowman avançou sua agenda política durante os anos 1920. Ele evitou a identificação pública

40 DALLEK, Robert, *Franklin D. Roosevelt and American Foreign Policy, 1932–1945*. New York: Oxford University Press, 1979.

41 “Bowman to Lionel Curtis, 2 November 1939”. *ibid* (JHU); “Studies of American Interests in the War and Peace, Memorandum of Discussions, T-A1, Territorial Group, 16 February 1940”. *CFR Archives*, New York.

com qualquer um dos principais partidos políticos dos Estados Unidos, porque acreditava que poderia trabalhar com mais eficácia em organizações independentes com acesso direto ao governo e aos homens de negócios, sem as restrições da opinião pública e da disciplina partidária. O instinto de Bowman neste assunto mostrou-se correto: é difícil imaginar que ele tenha tido mais sucesso do que com o conselho. O conselho foi a ponte política da Primeira Guerra Mundial para a Segunda Guerra Mundial, que não apenas transportou Bowman de um ponto a outro; mas o elevou consideravelmente.

Bowman retornou à posição de liderança do conselho após um breve hiato em meados da década de 1930, quando assumiu a presidência da Universidade Johns Hopkins em Baltimore. Ele novamente se tornou uma figura proeminente no programa de guerra e paz do conselho que o Departamento de Estado absorveu em 1942. Nessa época, ele estava ajudando a orientar não apenas o conselho, mas também aspectos significativos da política externa americana. Pouco depois de se aposentar como secretário de Estado, Cordell Hull disse sobre o papel de Bowman no estabelecimento da política do pós-guerra: “não havia ninguém em quem o presidente Roosevelt e eu nos apoiássemos mais fortemente”.⁴²

Bowman foi dado a “expressões puras da mente estabelecida”.⁴³ Ele concordava com o internacionalismo e o elitismo que eram as peças ideológicas centrais do conselho, mas não era um mero fantoche da classe capitalista. Seus insights foram mais nítidos quando ele se aventurou a criticar a ampla visão que ele mesmo apresentava, e no conselho ele apoiou a apresentação de uma multiplicidade de pontos de vista. Ele endossou e perpetuou uma visão expansionista de um império americano em ascensão, mas valorizou uma abordagem bipartidária e o direito de reconhecer alguns efeitos colaterais infelizes, embora duradouros, desse empreendimento. Ele acreditava que o diálogo deveria ser abrangente e relativamente irrestrito entre os membros do conselho, que por definição eram amigos políticos. Essa abordagem espelhava sua visão do novo mundo que confrontava a expansão americana: alguns países como a Grã-Bretanha eram amigáveis; outros, como a União Soviética, não; alguns como a Alemanha foram recentemente hostis, mas resgatáveis. Ele insistiu que o império americano estivesse ciente dessas diferenças mundiais e fosse tolerante e tolerável com os amigos. Ele admitiu que os amigos às vezes se tornavam indisciplinados, fazendo de si mesmos maus

42 “Cordell Hull to David W. Robinson, 12 January 1946”, *ibid.* (JHU).

43 SILK & SILK. *ibid.* p. 191.

anúncios para a causa comum de civilizar o mundo. Em tais ocasiões, era necessário dar-lhes uma lição contundente que conduzisse os rebeldes de volta à linha.

Ao ministrar uma dessas lições, Bowman expressou o gradualismo ativista que norteou sua visão do novo mundo. No final de 1922, Armstrong, recentemente nomeado diretor executivo do conselho, convidou Smith Wildman Brookhart, um senador republicano de Iowa, para falar ao conselho. Brookhart, que era visto como um fazendeiro radical por alguns membros do conselho, aparentemente não compartilhava da perspectiva internacionalista da organização. O convite para ele se dirigir ao conselho foi vigorosamente rejeitado por Russell C. Leffingwell, um diretor fundador, que achava que os agricultores deveriam ser deixados em paz porque a realidade econômica logo os converteria ao internacionalismo. Defendendo sua ação, Armstrong argumentou que o propósito não era apenas deixar Brookhart suas opiniões, mas também encorajar o discurso sobre agricultura e política externa: “é importante aproveitar esta oportunidade para educá-lo e refutar algumas de suas opiniões”.

Particularmente agressivo ao se opor ao convite foi Paul Warburg, banqueiro de investimentos de Wall Street, diretor fundador do conselho e talvez o membro remanescente mais influente do grupo organizado por Root. Warburg admitiu que sentiu “calafrios” ao pensar no conselho proporcionando uma plataforma para um demagogo como Brookhart. Outro membro, rotulando o convite de não americano, escreveu a Warburg e ameaçou renunciar se Brookhart tivesse permissão para falar. Bowman veio em defesa de Armstrong em uma resposta que foi uma declaração extraordinária da visão por trás do *Council on Foreign Relations* — a construção cuidadosa de uma revolução gradual resultando em um império americano hegemônico.⁴⁴

Nada poderia ser mais tolo do que a atitude do correspondente que escreveu a Warburg. Enche de desespero ver o mesmo tipo de pessoa se esquivando dos mesmos velhos problemas. Foi assim desde a fundação do mundo. O que Wall Street tem a ganhar por se recusar a ouvir até mesmo um demagogo? Certamente, se ele é um demagogo perigoso, devemos ainda mais ouvi-lo para descobrir por que ele é perigoso e quão perigoso ele é. As opiniões do correspondente são exatamente o tipo que os liberais de toda parte estão terrivelmente ansiosos para obter para exploração. É a maneira como eles pensam que os capitalistas conservadores se

44 “Hamilton Fish Armstrong to Russell C. Leffingwell, 18 January 1923”; “Leffingwell to Armstrong, 19 January 1923”; “Paul Warburg to Armstrong, 19 January 1923”; “Bowman to Armstrong, 20 January 1923”, *CFR, Record of Meetings*, Vol. I.

comportam. Bem, aqui vemos que eles se comportam dessa forma! ... Bem, na verdade, como se viu, Brookhart é intensamente interessante ... ouvi as mais calorosas expressões de satisfação pela clareza de seu pensamento e pelo vigor de sua expressão. Além disso, pessoalmente tenho tanta fé em seu plano quanto ele. Em certo sentido, o mundo inteiro está em revolta o tempo todo. Tudo o que nos preocupa é que seja uma revolta ponderada e gradual. Nesse sentido, eu sou

Sempre revolucionariamente seu,

Isaiah Bowman.

N.T. Respeitamos o formato escolhido pelo autor do artigo e mantivemos a bibliografia nas notas de rodapé.

ERRATA

- No artigo *Análise das alterações antropogeomorfológicas na Bacia do Rio Cabeça (SP) a partir do uso de geoindicadores*, de autoria de Melina de Melo Silva e Cenira Maria Lupinacci, publicado na revista Geografias, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No artigo *O espaço de batalha urbicida na cidade do Rio de Janeiro*, de autoria de Márcio José Mendonça, publicado na revista Geografias, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No artigo *A percepção ambiental enquanto ferramenta para pensar o meio no ensino de geografia*, de autoria de Aldeíze Bonifácio da Silva, Marcela Albino do Nascimento e Maria Francisca Jesus Lírio Ramalho, publicado na revista Geografias, v. 17, n. 1, e no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No artigo *Ensino-aprendizagem do saber religião em Geografia*, de autoria de Diego Salomão Candido de Oliveira Salvador e Roseane Richele de Medeiros, publicado na revista Geografias, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No artigo *Técnicas de sensoriamento remoto para análise temporal do espelho d’água da Lagoa Grande na cidade de Sete Lagoas – MG*, de autoria de Fernanda Mara Coelho Pizani, Max Paulo Rocha Pereira, Matheus Miranda da Silva e Marcos Antônio Timbó Elmiro, publicado na revista Geografias, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No artigo *Geografia, escalas e a lua: do geocentrismo à ontologia*, de autoria de Jahan Lopes, publicado na revista Geografias, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No artigo *A favor da metrópole, contra a metrópole: uma perspectiva lefebvriana da contrarrevolução urbana*, de autoria de Renan dos Santos Sampaio, publicado na revista *Geografias*, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No documento *Apresentação do dossiê de traduções: Neil Smith e a história da Geografia anglo-saxã*, de autoria de João Alves de Souza Neto, Paulo Roberto de Albuquerque Bomfim e Larissa Alves de Lira, publicado na revista *Geografias*, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No artigo *Neil Smith, 1954-2012. Geografia Radical, Geógrafo Marxista, Geógrafo Revolucionário*, de autoria de Paulo Bomfim; Clarissa Cavalcante e Rosana de Campos Fernandes, publicado na revista *Geografias*, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No artigo *“Guerra Acadêmica no Campo da Geografia”: A Eliminação da Geografia em Harvard, 1947-1951*, de autoria de Fernando José Coscioni, publicado na revista *Geografias*, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No artigo *O novo mundo de Bowman e o Conselho de Relações Exteriores*, de autoria de Carlos Geraldino, publicado na revista *Geografias*, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No artigo *Geografia como museu: história privada e idealismo conservador em The Nature of Geography*, de autoria de Larissa Alves de Lira, publicado na revista *Geografias*, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No artigo *Por uma História da Geografia: Resposta aos Comentários*, de autoria de Rafael Augusto Andrade Gomes, publicado na revista *Geografias*, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No artigo *A geografia neocrítica, ou o mundo plano e pluralista da classe executiva*, de autoria de Breno Viotto Pedrosa, publicado na revista *Geografias*, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”

- No artigo *A diversão da cultura a política da geografia cultural*, de autoria de João Souza, publicado na revista *Geografias*, v. 17, n. 1, no cabeçalho de todas as páginas: Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.29, n.1, 2021”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./jun. 2021”